R E V I S T A

com[✓]política

ISSN 2236-4781

ALDÉ, Alessandra

Editora da Revista Compolítica. Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pesquisadora associada do Dixa/Iesp.

ROXO, Marco

Editor Assistente da Revista Compolítica. Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição.

CHAGAS, Viktor

Editor Assistente da Revista Compolítica. Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense. Mestre e Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc-FGV).

Revista Compolítica

Editorial v. 2, n. 2, ed. jul-dez, 2012

Apresentação

[Presentation]

ALDÉ, Alessandra
ROXO, Marco
CHAGAS, Viktor

A publicação deste quarto número da Revista Compolítica coincide com a divulgação recente das novas classificações dos periódicos científicos em que publicam os pesquisadores brasileiros, de acordo com a avaliação da Capes. Até esta ocasião, ainda não havíamos sido avaliados neste importante ranking público, que determina, entre outras coisas, a possibilidade de obter financiamentos estatais para a revista, além de, como é evidente, o reconhecimento junto aos pares, que se traduz em alta demanda de publicação. Em outras palavras, éramos uma revista “sem Qualis”, pouco atraente no ambiente competitivo e exigente que vem marcando a Universidade brasileira. Para se ter uma ideia, a maioria dos programas de pós-graduação do país faz algum tipo de exigência quantitativa de publicações de seus professores, geralmente dois ou mais artigos em periódicos qualificados pela Capes – de preferência, B2 ou mais...

Os critérios de avaliação são definidos por cada área do conhecimento, que geralmente aponta diretrizes comuns aos periódicos científicos de maior credibilidade, como presença de conselho editorial, sistema de avaliação das submissões, presença em indexadores e outros. Nosso trabalho dos últimos dois anos, na medida em que se orientou por critérios de qualidade convergentes com estes, também ambicionava algum grau de reconhecimento neste ranking. O resultado positivo veio nos retribuir esse esforço, indicando o acerto da política editorial adotada.

Na avaliação atual, ficamos no estrato B1 para Ciências Sociais Aplicadas, a grande área da Comunicação e Ciência da Informação – na companhia de várias revistas tradicionais e respeitadas do campo, e apenas um degrau abaixo dos periódicos nacionais mais bem avaliados, que são A2. Para as áreas de Ciência Política e Sociologia, fomos classificados como B2, e também festejamos o resultado, considerando nossa breve existência e a especificidade do nosso interesse temático. A classificação completa da Capes pode ser acessada através do endereço eletrônico do WebQualis em <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam>>.

O mérito pelo bom resultado vai compartilhado, em primeiro lugar, com os autores destes quatro primeiros números, que acreditaram e apostaram na Revista Compolítica antes mesmo que ela se tornasse relevante para seus currículos. Estes pesquisadores submeteram textos de qualidade, que poderiam facilmente figurar em periódicos mais proeminentes, e em vez disso contribuíram para nossa qualificação e consolidação. Sem essa generosidade e confiança, não teríamos alcançado tão rapidamente esse patamar. Agradecemos a cada um destes mais de 50 colegas, mesmo os que não tiveram seus textos publicados.

Também cabe ressaltar o papel dos pareceristas, e a maneira como a equipe editorial tem levado a sério a questão da avaliação cega. Todos os textos foram submetidos a, no mínimo, dois revisores doutores. Nos casos, frequentes, em que os pareceres são contraditórios ou inconclusivos, temos apelado para terceiros nomes, mobilizando um contingente numeroso de pesquisadores qualificados que contribuiu de forma significativa para o bom nível da revista. Por orientação editorial e dada a qualificação dos convocados, temos retornado aos autores pareceres detalhados e rigorosos, em geral aceitos pelos autores não como crítica estéril, mas como oportunidade de melhorar seus trabalhos. Tal rigor explica e justifica a pequena quantidade de artigos publicada em cada edição, devida à submissão ainda incipiente. Com efeito, a taxa de rejeição da revista Compolítica gira em torno de 50%.

Pretendemos continuar discutindo e aprimorando o sistema de *blind peer review* que tornou-se padrão nos periódicos científicos. Certamente, como todo sistema, tem falhas. Como editores, procuramos minimizá-las, escolhendo cuidadosamente os pareceristas e atuando no sentido de “enxergar” e ponderar o conjunto de versões e pareceres no interesse geral da Revista e de seu público. Também estamos considerando adotar outras possibilidades de revisão científica como, por exemplo, promover diálogos públicos entre autores contrastantes, tornando as ressalvas e respostas um debate publicado e disponível para novos comentários. A depender do objetivo do texto e do interesse da Revista, pensamos que, para alguns trabalhos, este pode ser um método mais transparente de discussão científica.

Nessa trajetória, também foi fundamental o cadastramento da Revista em vários indexadores e bases de dados, nacionais e estrangeiros, trabalho fundamental que tem sido liderado pelo editor-assistente Viktor Chagas, com a colaboração de João Guilherme Bastos dos Santos na atualização das bases. A presença nestes indexadores e as novas classificações nos permitirão demandar inclusão em bases de referência ainda mais importantes, em um círculo virtuoso que contamos manter. Próximos passos, como nossa internacionalização, que demandará uma versão bilíngue com certo custo, podem agora se desenhar no horizonte. Da

parte da diretoria atual da Compolítica, existe o entendimento explícito de que investir na Revista é ponto estratégico da agenda futura, com o compromisso de destinar parte dos recursos obtidos pela Associação para financiar a consolidação da Revista. Também podemos pleitear, a partir de agora, editais de fomento específicos para a editoração científica.

Para isso, esperamos continuar contando com a confiança dos pesquisadores brasileiros de comunicação e política, e sua audiência como autores/leitores, que dá sentido à Revista.

A presente edição mantém o padrão, demonstrando a variedade de objetos e métodos que caracteriza a área. Efetivamente, os artigos se debruçam sobre o tema da comunicação política em variados suportes – internet, televisão, impressos – e aspectos. É interessante notar, por exemplo, como um objeto central da especialidade, a eleição presidencial, pode ser abordado a partir de diferentes perspectivas: seus reflexos na discussão e construção coletiva da informação na Wikipédia, as estratégias dos candidatos na propaganda eleitoral gratuita e o papel autodesignado do jornalismo na construção do discurso política são exemplos relevantes da exploração do assunto. Também estão presentes os temas fundadores do jornalismo político e da comunicação de Estado. O olhar complementar das diferentes disciplinas já nos parece suficientemente integrado para prescindir de contagens e divisões: trata-se de contribuições que, independente da formação ou instituição de origem dos autores, se mostram igualmente válidas para qualquer estudioso.

O primeiro texto, de Sousa e Jamil Marques, traz uma discussão oportuna sobre as apropriações e usos da plataforma Wiki, exemplificada em um caso político: o verbete de Dilma Rousseff na Wikipédia, e a guerra de edições conflagrada durante as eleições de 2010. Trata-se de uma discussão que enriquece a perspectiva deliberacionista com um elemento realista, o comportamento apaixonado e partidário dos internautas/editores no contexto eleitoral.

O artigo de Felipe Borba é sobre os spots eleitorais presidenciais na televisão, e as diferentes estratégias das campanhas para distribuir essas inserções dentro da programação normal das emissoras de televisão. De acordo com sua ampla pesquisa, as principais variáveis que influenciam estas decisões são a legislação eleitoral, o posicionamento nos índices de intenção de voto e a diferença de recursos entre as candidaturas. Márcio Fernandes, por sua vez, analisa um aspecto original da Argentina peronista: o uso do turismo social como instrumento de marketing político do regime. Reflexo de uma política de comunicação voltada para a mitificação da felicidade da classe trabalhadora, esta estratégia encontra-se bem representada nas imagens e textos analisados pelo autor.

O artigo de João Feres Jr. e Veronica Daflon visa outro tema da pauta política contemporânea: a ação afirmativa do Movimento Negro, em particular as políticas de cotas raciais, e sua representação na imprensa – no caso, em 10 anos de cobertura da revista *Veja*. Os autores concluem reafirmando o caráter parcial da publicação, evidente em aspectos editoriais como o uso de termos pejorativos e a ausência de contraditório.

Wilson Gomes, autor veterano da especialidade, apresenta uma reflexão sobre o formato e consequências políticas específicas das entrevistas ao vivo dos candidatos a Presidente, tomando como exemplo aquelas realizadas pelo *Jornal Nacional da Rede Globo* na eleição de 2010. Para além dos processos de edição presentes no telejornalismo cotidiano, na ocasião emblemática da entrevista ao vivo, o formato permite aos âncoras o exercício de outras modalidades de controle sobre o discurso, que vão do enquadramento dos temas à condução argumentativa da ordenação das perguntas e respostas.

Pâmela Araújo Pinto inaugura o espaço destinado às resenhas com a leitura atenta do livro *The Professionalisation of Political Communication*, coletânea publicada em 2007 pela editora Intellect Books, que analisa a relação entre políticos, partidos e comunicadores nas disputas eleitorais europeias, a partir das contribuições de autores como Christina Holtz-Bacha, Paolo Mancini, Stylianos Papathanassopoulos e Ralph Negrine.

Com a próxima edição já em andamento, pois há textos submetidos em fluxo contínuo que se encontram em pleno processo de avaliação e revisão, ficamos por aqui, desejando a todos uma boa leitura.

5

COMPOLÍTICA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE PESQUISADORES EM
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Presidente: Luciana Veiga (UFPR)
Vice-Presidente: Alessandra Aldé (UERJ)
Secretário Executivo: Ricardo Fabrino (UFMG)
Editora-Chefe: Alessandra Aldé (UERJ)
Subeditores: Marco Roxo (UFF) e Viktor Chagas (UFF)

<<http://compolitica.org/revista>>

A Revista Compolítica é uma revista eletrônica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. Com periodicidade semestral, sua proposta é difundir a produção acadêmica relacionada às interfaces desses campos de estudo.

Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

ALDÉ, Alessandra *et al.* Editorial. In: **Revista Compolítica**, v. 2, n. 2, ed. Julho-dezembro, ano 2012. Rio de Janeiro: Compolítica, 2012.

R E V I S T A

com[✓]política

ISSN 2236-4781

ALDÉ, Alessandra

Editora da Revista Compolítica. Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Pesquisadora associada do Dixa/Iesp.

ROXO, Marco

Editor Assistente da Revista Compolítica. Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição.

CHAGAS, Viktor

Editor Assistente da Revista Compolítica. Professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense. Mestre e Doutorando em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (Cpdoc-FGV).

Revista Compolítica

Editorial v. 2, n. 2, ed. jul-dez, 2012